

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : OEJ

CLASS. : 47

DATA : 21 06 96

PG. : capa/Última pág.



Sergio Amaral/AE

O índio rico

O cacique Tutu Pombo, que há 21 dias tirou Raoni do comando dos caiapós, não dispensa, mesmo quando está na tribo,

seu relógio de ouro. Dono de dois aviões, ele ganha Cr\$ 9 milhões por mês com a exploração de madeira na tribo. Última Página

QUINTA-FEIRA

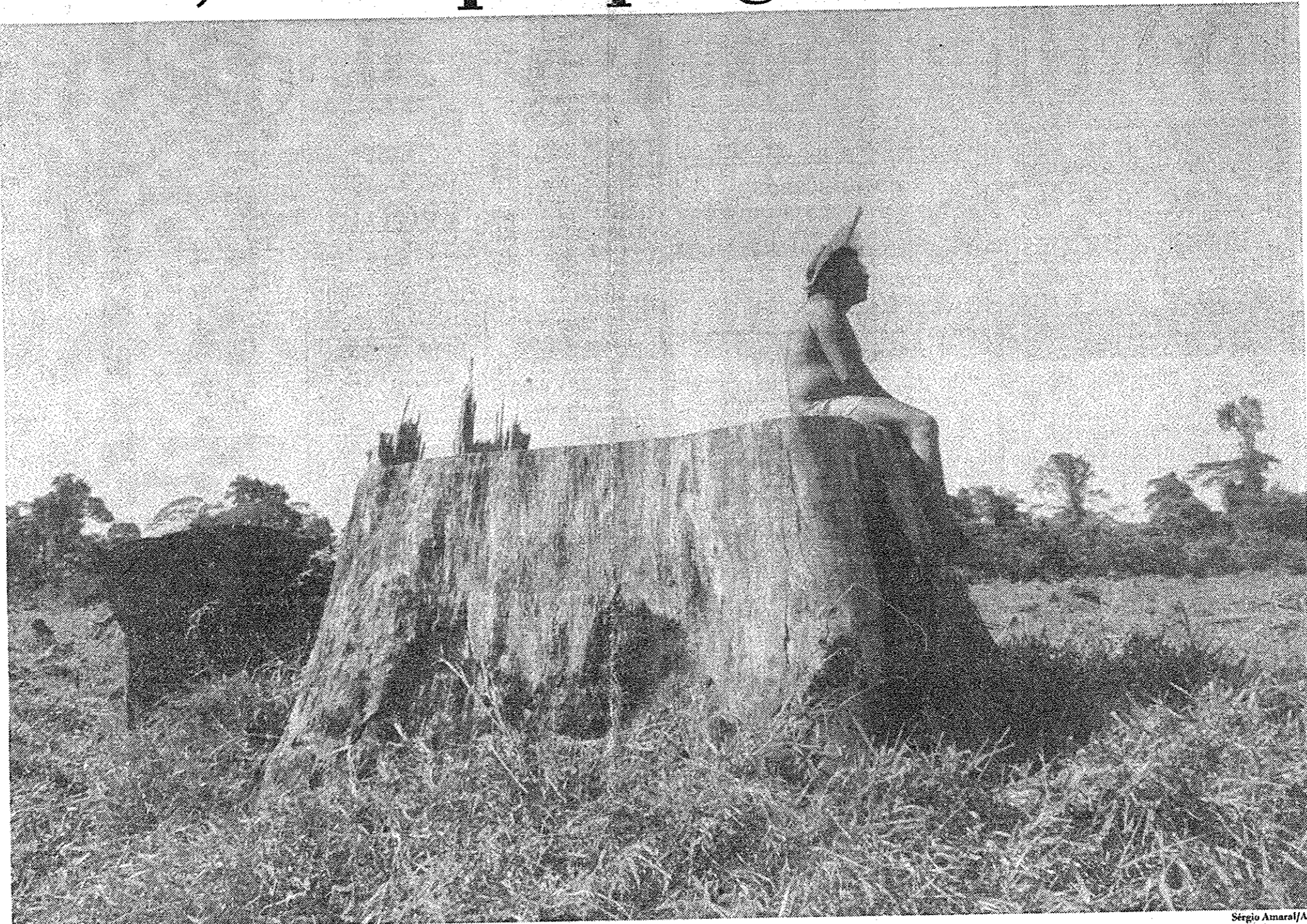
O ESTADO DE S. PAULO

21 DE JUNHO DE 1990

Tutu Pombo, o cacique que ganha dinheiro

MÁRCIA GUERREIRO

KIKRETUN, PARÁ — O avião Cessna Skylane flutua como um ponto prateado no céu do Sul do Pará. Dois mil metros abaixo dele, homens seminus estão ao longo da pista aberta entre os castanhais da Floresta Amazônica. Joelho esquerdo no chão, perna direita à frente, eles se preparam para receber o barulhento voador que avança na mira de suas flechas. Atrás deles, mulheres e crianças cruzam sobre o peito colares de miçangas. Todos se pintaram com urucum e jenipapo e, juntos, formam uma extensa fila vermelha e preta emoldurada pelo degradê das penas de araras azuis dos cocares. O trem de pouso do avião toca a pista dando o tom para a canção de boas-vindas a um homem que ganha Cr\$ 9 milhões por mês, a quem chamar de carone, cacique ou pajé. Chega Tutu Pombo, que há 21 dias tomou o lugar do famoso cacique Raoni e se transformou no novo líder dessa legião de dois mil índios marcados com um triângulo raspado entre os cabelos negros: os caiapós.



Sérgio Amaral/AE

Tutu Pombo, novo cacique caiapó, no que restou de um mogno centenário: "Com lucro nas aldeias, não haverá Sting nenhum pisando em nossas terras"



Sérgio Amaral/AE

No avião com a mulher Leitutu: bigamia irrita a aldeia

Amante branca vive escondida na cidade

O líder que, durante a semana dá suas ordens aos caiapós no som estridente da língua Gorotire — integrante do grupo Je do tupi-guarani, ensaia o melhor português, veste calças de linho e camisas de viscose, sapatos de verniz e relógios de ouro, embora não saiba ver as horas, quando o fim de semana se aproxima. "Viro coronel", explica. Um carinho de despedida no rosto triste de Leitutu, a índia com quem se casou há 45 anos quando era uma menina de dez, é o último ato de Tutu Pombo antes de entrar em um dos seus dois aviões e rumar para Tucumã, a cidade mais próxima de Kikretun.

Ao lado do piloto Mário Isnard, a quem paga um salário mensal de Cr\$ 500 mil, o cacique arma uma cadeira de praia listrada de vermelho, azul e amarelo. Os aviões usados no transporte de mercadorias às aldeias perderam os bancos e, quem quiser viajar a bordo deles, tem de ir ajoelhado no tablado de madeira que recobre a fuselagem. "Só o coronel tem banco", diz o cacique inclinando o encosto da "poltrona".

Depois de 25 minutos de voo sobre a selva, num percurso de 120 quilômetros, Tutu Pombo deixa a cadeira de praia e se acomoda no banco traseiro de seu carro. Um Voyage 1989. O motorista o leva até uma casa branca, construída longe do centro empoeirado de Tucumã. Na por-

ta, dois guerreiros fazem a segurança da construção de mil metros quadrados. Antes de entrar, Pombo limpa as lentes de seus óculos, comprados há dez anos em Belém depois que um galho bateu em seus olhos e quase o deixou cego. "Gosto de enxergar minha mulher direito", explica.

Raramente mostra, no entanto, quem mora ali. Sabe-se apenas que ele a chama carinhosamente pelo apelido de Nenê. É sua amante branca, com quem tem uma filha, Iara, de um ano. "Cacique pode ter duas mulheres porque sustenta as duas", explica. "Não sou como o branco que casa com uma, se apaixona por outra e abandona a primeira", justifica.

A divisão de rendas entre as duas mulheres já causou crises em Kikretun. "Enquanto Leitutu ganhou, nos últimos anos, apenas alguns vestidos novos, Nenê recebeu três fazendas no Maranhão", denuncia Duedjare, cunhado do cacique. Ele acredita na possibilidade de Pombo ter sido vítima do feitiço de Nenê. "Ela é mulher de cabaré, é bruxa que deixou o cacique cego e agora tira dos seus bolsos o nosso dinheiro". Duedjare é o único guerreiro corajoso o bastante para tocar no assunto em Kikretun. A ousadia, no entanto, faz doer seu estômago e o da família. "Desde que descobriu a Nenê, Pombo deixou de dar comida para a gente", conta.

Índio não gosta de Sting e Raoni

Tutu Pombo tem 65 anos, barriga proeminente e poucos dentes. Depila as sobrancelhas e os cílios. Nunca foi convidado a posar frente às câmeras e jamais pisou num palco. Mesmo assim, é o grande ídolo dos caiapós, que choram a cada partida do chefe e fazem festa quando ele volta. O homemzarrão de Im80, expressão ranzinza e pele castigada pelo sol, roubou, no entanto, a cena do mais famoso cacique brasileiro, o onipresente Raoni.

Há mais de um ano, ao lado do cantor inglês Sting, Raoni prometeu buscar recursos mundo afora para a proteção dos índios. Com seus cabelos esparramados numa rede cor de rosa, na perda da aldeia de Kikretun, ao sul do Pará, Pombo assistiu ao juramento. Revoltado por não ter sido o escolhido de Sting, desligou a única televisão da aldeia, arrancou os fios da antena parabólica, instalada entre bananeiras, e resolveu trabalhar ele próprio em favor dos caiapós.

Enquanto Sting e Raoni contavam aos brancos, negros

e amarelos os dramas vividos pelos índios, Pombo voava, a bordo de seus aviões, de aldeia em aldeia distribuindo remédios, alimentos e presentes. A cada visita, um discurso lembrava que "Raoni se divertia no estrangeiro, enquanto o velho Tutu matava a fome da nação indígena". A campanha, recheada de caridade e intriga, retirou do cofre instalado no quarto do cacique Tutu Pombo pouco mais de Cr\$ 15 milhões em seis meses. Tempo e dinheiro suficientes para ganhar a simpatia do povo e provar ser melhor que Raoni e Sting juntos.

"Começou o meu reinado e ninguém mais derruba Tutu Pombo", avisa o cacique de Kikretun. É a glória do índio que, aos cinco anos, foi expulso da aldeia pelas irmãs, logo após a morte dos pais num confronto com homens brancos. "Caminhei dias pela selva até encontrar alguns seringueiros", lembra. Pombo cresceu entre os brancos, aprendeu o português e conheceu o dinheiro. Aos 15 anos, voltou à Kikretun e preparou o primeiro o bote: "Tinha

a esperteza da onça e a malícia do branco e me transformei no conselheiro do cacique", conta. O chefe da aldeia morreu e Tutu Pombo assumiu o cargo. "Depois de 40 anos, os índios de todo o Brasil me chamam para ser o rei deles", fala querendo parecer surpreso.

ESCALADA

É o fim da escalada de Tutu Pombo, que começou como conselheiro da sua aldeia, onde até hoje acumula as tarefas de cacique e pajé. Lá fora, nas terras dos brancos, exige ser chamado de coronel. Até os funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) o tratam com todas as honras. Afinal, é ele quem empresta dinheiro para os índios, quando a verba do governo federal é insuficiente. Chega em passos largos, abrindo a porta da sala do superintendente da Funai em Belém, Dinarte Nobre, sem ordens das secretárias e é sempre bem-vindo.

Pombo vive entre a monarquia, a ditadura e a democracia, entre o progresso do homem branco e a cultura milenar do seu povo. O velho ca-

cique dorme nas camas dos hotéis cinco estrelas durante suas viagens, mas sempre volta para a rede cor de rosa na varanda da casa em Kikretun. "Lá, vejo estrelas de verdade quando estou deitado", lembra. Adora bolo de chocolate, mas nunca dispensou o peixe assado entre dois tijolos, sem qualquer tempero.

O cacique é o primeiro a provar da comida, depois os guerreiros, as crianças e, no final, as mulheres. "Tudo obedece às ordens do rei", diz Pombo. No lugar da coroa, usa um cocar de penas amarelas retiradas das asas de um pássaro chamado congá. As jóias são braceletes de miçangas, as vestes são calções de náilon e chinelos plásticos e, como armas, usa arcos de madeira de lei e flechas pontiagudas de ossos de onça.

Até o controle de natalidade dos caiapós está em suas mãos. Na pele de pajé, Pombo distribui um chá aos homens capaz de inibir a fertilidade. "Eles só fazem filhos quando eu deixo", dita Pombo. Orgulhoso, ele não revela a fórmula e desafia os cientistas a encontrar um anticoncepcional masculino tão eficaz quanto o dele.

LIÇÕES

Esse rei de fala simples que, a princípio, parece ter como mordomias apenas a maior das 30 casas da aldeia e um poço de água mineral para seus banhos, é o índio mais rico da nação caiapó. "Todos querem ser iguais a mim e por isso me elegeram", gaba-se. Pombo confessa ter trocado a confiança dos 34 caciques caiapós, responsáveis pela queda de Raoni e pela escolha do líder de Kikretun, por "algumas lições de como ficar rico".

Tutu Pombo foi o primeiro índio a negociar o ouro existente na reserva caiapó de 3,2 milhões de hectares. Vende milhares de toras de mogno e toneladas de castanha do Pará, cacau, coco e gado a cada mês. Pensa agora em industrializar a água mineral descoberta por ele próprio sob uma imensa rocha. Ela engorará a renda mensal do cacique, hoje beirando os Cr\$ 9 milhões. "Se cada cacique conseguir esse lucro em suas aldeias, não haverá Sting nenhum pisando em nossas terras, passeando às nossas custas", garante Pombo. Ele derruba com poucas palavras todas as chances de se associar ao cantor, no lugar de Raoni, para buscar dinheiro em outros países. "Faço tudo aqui mesmo", diz. Ele não quer se arriscar.



Sérgio Amaral/AE

O cacique com seus guerreiros: "Todos querem ser iguais a mim"